

A MODELAGEM ATRAVÉS DOS SÉCULOS E O INÍCIO DA MODA

MODELING THROUGH THE CENTURIES AND THE BEGINNING OF FASHION

Ana Cláudia da Palma
Especialista em MBA em Moda
CESUMAR/IPE
trianamer@yahoo.com.br

RESUMO

O presente artigo busca realizar uma contextualização histórica de natureza bibliográfica que procura apresentar as transformações da modelagem na roupa, na alta costura e prêt-à-porter, no decorrer da história da moda.

Palavras chave: moda, modelagem, contexto histórico.

ABSTRACT

The present article seeks to realize a historical contextualization of bibliographic nature that pursues to introduce the transformations in clothes shaping, in haute couture and prêt-a-porter, in the course of fashion history.

Key Words: fashion, shaping, historic context.

1 INTRODUÇÃO

A moda tem significado abrangente por estar presente nos mais diversos objetos, artigos, produtos e como fenômeno social, define-se pelas “mudanças sociológicas, psicológicas e estéticas, intrínsecas à arquitetura, às artes visuais, a música, à religião, à política, à literatura, à perspectiva filosófica, à decoração e ao vestuário” (RECH, 2002, p.29).

O sistema da moda constitui-se através da Sociedade **Fechada** pelo Traje e da Sociedade **Aberta** pela Moda (HARDAGH, 2011).

Foi do século XIII ao século XVI que nasceu a moda como um fenômeno econômico relevante e como forma ordenada e consciente de comunicação, e também difusa que exige uma regulamentação, neste período que, “se reconhece o valor compensatório de um belo vestido para uma mulher, e é aí que se teoriza a capacidade das roupas e das cores de representar condição pessoal, proveniência regional, e até mesmo estado de ânimo” (SORCINELLI, 2008, p.20).

Bernard (2002) confirma que ao longo da história, a moda pode ser entendida como um jogo de distinção de classe dominante.

Na metade do século XVI uma grande revolução acontece, surge a moda. Homens e mulheres passam a se vestir de maneira diferente, adquirindo cada qual, novas formas. As mulheres se vestiam de maneira menos extravagante: um vestido justo até a cintura e abrindo em uma saia pregueada até o chão, as mangas eram justíssimas e sobre o vestido uma sobre-túnica, com mangas enfeitadas de fitas. A inovação nos trajes femininos vem a partir daí, onde os decotes começam a ser explorados, o abandono do véu, e um corpete de vestido ajustado que tinha o efeito de um espartilho apertado. A partir do estabelecimento das formas "femininas" e "masculinas", as roupas passaram a se modificar em períodos de tempos cada vez mais curtos, antes, passavam-se séculos e as vestimentas não se alteravam em nada, agora os saltos da moda eram dados para manter o status da nobreza, pois seus trajes eram copiados por burgueses e pequenos burgueses num efeito cascata (CATELLANI, 2003).

A moda até então era produzida somente pelos mestres alfaiates. Até o século XVII as costureiras possuíam status modestos, para elas, era possível apenas fazer ajustes para os alfaiates e camiseiros. Foi somente em 1675 que o rei Luís XIV, as reconhece no mercado como pretexto de que, “é de bom-tom e conveniente ao pudor e a modéstia das mulheres e moças que lhes seja permitido vestir-se com pessoas do seu sexo quando julgarem apropriado” (GRUMBACH, 2009, p.15). O papel da costureira em domicílio era apenas de confeccionar um vestido encomendado por uma cliente, tendo esta, escolhido



Costureira em domicílio.
Fonte:
<http://fashionbubbles.com.br>

o tecido em um armário, pois, lhes são negado à comercialização de tecidos em suas lojas. Neste período existem quatro categorias de costureiras: de vestuário, de roupas infantis, de camisaria e de acabamentos (GRUMBACH, 2009).

Somente em 1782, que as costureiras ganham o direito de rivalizarem com os alfaiates. A partir de então algumas se tornam famosas, como: Rose Bertin na época de Luís XVI, Madame Palmyre na de Carlos X, Mademoiselle Beudrant na de Luís Felipe (GRUMBACH, 2009). Rose Bertin denominada “ministra da Moda”, estabelece sua casa na Rue de Richelieu, 26, e executa os desejos da rainha Maria Antonieta, ‘impressiona suas clientes mostrando o último trabalho que fez para sua majestade’ (GRUMBACH, 2009).

(...) elegeu Rose Bertin como a primeira estilista no mundo, em finais do século XVIII. A costureira era responsável pelas mudanças de guarda-roupa da rainha francesa Maria Antonieta, célebre pela vaidade, extravagância e gosto por grandes festas. Seu sucesso se espalhou e aos poucos Bertin começou a exercer ampla e reconhecida influência sobre o modo de vestir das mulheres das classes mais altas. Mas, como bem observa Gumbrecht, Bertin atendia a uma cliente e não produzia para um mercado, além de não ter uma produtividade intensa de novas criações, num ritmo próximo ao que se poderia considerar

propriamente moda". – Renata Pitombo "Os Sentidos da Moda" (PINHEIRO, 2011).



Estilo Maria Antonieta, Rose Bertin e Maria Antonieta.

Fonte: www.chicfashiontrends.com.br

Em 1850 um costureiro chamado Charles Frédéric Worth, revolucionou a corte com suas invenções espetaculares. Foi o primeiro a mostrar seus modelos às suas clientes através de jovens denominadas “sócias”, que são as precursoras das manequins de hoje. Worth diz, “Meu trabalho não é apenas executar, mas principalmente criar. A criação é o segredo do meu sucesso. Se encomendassem, eu perderia metade do meu negócio”. Ou ainda: “A revolução de 1870 é pouco comparada à minha revolução, eu que destronei a crinolina” (GRUMBACH, 2009, p.18). Worth se tornou o primeiro estilista da história da moda com característica da atual moda (LIMA, 2008).

Segundo Sorcinelli (2008), a partir do século XVIII a roupa torna-se moda rápida, modos de vestir mudam todos os meses, todas as semanas, todos os dias, quase toda hora. Raiz da indústria do vestuário – moda contemporânea – feito comercial de massa, marcado pela capitalização de suas riquezas, pela globalização do seu sistema produtivo e comercial, e que hoje constitui um



A moda

Fonte: Ficheiro: Cperrien-fashionplatescan-p-vf33.jpg

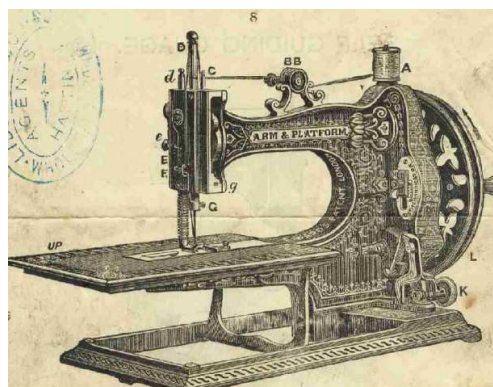
dos mais rentáveis impérios financeiros do planeta. O esplendor desta época eram representados pelo uso feminino de vestidos sofisticados, cada vez mais enfeitados, somados

a uma série de luxuosos complementos que refletiam status social da sóbria figura masculina a quem dependiam. Neste século a burguesia busca a ascensão e encontra na moda um grande aliado, mas é a partir do século XIX que o cenário se torna ideal para que a moda se estabeleça em todas as camadas sociais (LIMA, 2008).

De acordo com Santaella (apud De Carli, 2002, p. 9) a Revolução Industrial – processo histórico extremamente complexo, foi um importante marco para a moda,

A moda foi se tornando explícita quando a revolução industrial possibilitou a reprodutibilidade técnica de seus produtos, a reprodução em série do mesmo. Com o crescimento demográfico dos quais se originaram os aglomerados humanos nos primeiros grandes centros urbanos, notadamente em Paris e Londres, a moda começou a se converter em fascínio, nas galerias em que produtos, ofertados por traz dos vidros, paralisavam, com piscadelas sedutoras, o passo dos transeuntes.

O que há de novo é o sistema de produção e de difusão, sistema que funcionará por um século. Lima (2008) confirma que a invenção da máquina de costura, já patenteada por Singer mudou profundamente o fazer das roupas, facilitando a aproximação das classes. A moda dos cem anos instituiu o que há de mais moderno: uma produção burocrática orquestrada por criadores profissionais, uma lógica industrial serial, coleções sazonais, desfiles de manequins com fim publicitário (LIPOVESTKY, 2004).



Maquina de costura
<http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/>

A moda moderna se caracterizou em torno de duas indústrias, a *haute couture* e a confecção industrial. A criação de luxo e sob medida opõem-se a uma produção de massa, em série e barata, imitando de perto ou de longe os modelos poderosos e grifes da Alta Costura (LIPOVESTKY, 2004).

A alta-costura é um negócio conhecido por aqueles que a praticam como “a arte da perfeição”.

Este êxito deve-se às criações únicas e originais aliadas a uma construção primorosa, que conta com profissionais especializados na montagem da peça e no fornecimento de botões e aviamentos produzidos no mais alto nível de habilidade artesanal, um mundo em que os detalhes são fundamentais (RYBALOWSKI, 2008, p. 95).

Na França, o período que vai de 1890 até o início da Primeira Guerra Mundial ficou conhecido como Belle Époque, época de efervescência e euforia provinda da mudança de um

século para o outro, pela ostentação, bem viver, luxo e pela extravagância das classes altas. Nas vestimentas da época os bordados formavam arabescos, o cetim dava acabamento a tecidos finos, como a musselina, e usava muita renda em blusas, golas e peitilhos. A saia era longa e lisa e sobre os quadris se alargava em forma de sino, cobriam os pés, prolongando-se em cauda nas costas. As barras eram geralmente adornadas. A rigorosa severidade dos vestidos era suavizada pelo emprego de varias saias internas de seda ou tafetá, cuja, as barras recebiam bordados de renda e fitas que acompanhavam os movimentos da mulher, aferindo acentuada feminilidade (MOUTINHO; VALENCIA, 2000).

Ainda neste período um costureiro revolucionou a moda feminina, Paul Poiret foi o criador das mais originais invenções da Belle Époque. Ele simplificou as linhas dos trajes da época, e sua grande inovação foi ter eliminado o espartilho e reduzido o numero de roupas íntimas usadas pelas mulheres. Também diminui a saia em cinco a seis centímetros do chão que cai reta, e devolve a mulher a cintura império, firmadas agora por barbatanas (BAUDOT, 2002).

Em 1910 a costura e a confecção se distinguem. A primeira veste mulheres sob medida, enquanto que a segunda assume o risco de estocar ao produzir de antemão modelos segundo medidas ditadas pela experiência e oferecidas a preços mais acessíveis. A costura procura enfatizar o luxo, exaltando a criatividade, enquanto que a confecção se padroniza a fim de se tornar mais competitiva (GRUMBACH, 2009).

A Primeira Guerra Mundial, de 1914 a 1918, impôs à moda mudanças que naturalmente refletiam acontecimentos da época, roupas escuras, mais curtas, limitando-se à altura dos tornozelos para dar praticidade ao vestuário da mulher que trabalhava como esforço de guerra (LIMA, 2008). A moda no pós-guerra se destaca através da Alta Costura com uma clientela renovada: atores, atrizes, escritores e outros artistas, americanos, que enriqueceram com a guerra (MOUTINHO; VALENÇA, 2000).

Novos costureiros surgem em Paris como: Madame Paquin, Madeleine Vionnet, Jean Patou e Chanel, esta ultima se destaca, pois, consegue adaptar suas criações á mulher de seu tempo. Das calças ao maiô, do pareô ao suéter, as grandes *maisons* se adaptam para atender às longas férias das clientes (BAUDOT, 2002).



A moda da Belle Époque
Fonte: Les Femmes de La Belle Époque

No período de 1929 a 1945 há uma valorização das formas do corpo, as roupas esportivas ganham destaque, somente a partir de 1947 outra grande transformação acontece na história da moda, quando Carmem Snow redatora da revista Vogue americana exclama: *This is a new look*. A expressão pega e esse novo estilo de dissemina por todo o mundo da moda, esse *look* se apresenta: “com cintura marcada, seios majestáticos, pequeno busto encimando uma ampla saia-corola” (BAUDOT, 2002).

A alta-costura então abarca a inovação, lança a tendência do ano; e as outras indústrias seguem, inspiram-se nela mais ou menos de perto, com mais ou menos atraso, de qualquer modo a preços incomparáveis. A verdadeira revolução que destituiu a moda dos cem anos é a que transformou a lógica da produção industrial: correspondente à invasão e ao desenvolvimento do que conhecemos por *prêt-à-porter* (LIPOVETSKY, 1994).



Inspiração *New Look*
Fonte:
www.fashionbubbles.com.br

O que diferencia o *prêt-à-porter* da confecção industrial normal é que a modelagem da roupa apresentava por vezes corte defeituoso, falta de acabamento, de qualidade e de adornos. O *prêt-à-porter* quer unir a indústria e a moda, colocar a novidade, o estilo, a estética na rua. Com o estilismo, o vestuário industrial de massa muda de status, torna-se produto de moda inspiradas nas últimas tendências (LIPOVESTKY, 1994).

Enquanto o *Prêt-à-porter Création* em 1957 se organiza, dois confeccionistas se destacam C. Mendès e Maria Carine editam a maioria dos costureiros que durante sete anos, dividem se entre si (GRUMBACH, 2009).

Minha ambição é realizar um *Prêt-à-porter* cuja a qualidade se aproxime à alta costura, persigo sem interrupção pesquisas para alcançar a perfeição técnica. É com esse objetivo que aceito o convite de Sammy Weinberg para visitar sua fábrica de Bourges. Ele quer me demonstrar que, agora, a técnica se acomoda a todas as dificuldades que a costura possa inventar. Chego à visita munido de um casaco e de seu molde. Incrivelmente moderna, a fábrica já equipada com transportadores verticais. Deslocando-se sem dificuldades de uma operária a outra, os casacos seguem a cadeia que o conduz, prontos, ao posto de expedição. Fico estupefato (GRUMBACH, EDITADO POR C. MENDÈS, p. 250, 2009).

A partir dos anos de 1960 a moda conhece uma patchwork de estilos díspares. A modelagem torna-se completamente industrializada. O *sportwear*, as modas jovens dos criadores de *prêt-à-porter*, as modas marginais, registram uma forte ousadia individualista. A aparência armazena “uma espécie de onda neodândi consagrando a importância extrema do

parecer, exibindo o afastamento radical com a média, arriscando a provocação, o excesso, à excentricidade, para desagradar, surpreender ou chocar” (LIPOVESTKY, 2004, p.126).

O visual não é mais um signo estético de distinção de classe, mas uma marca de individualidade, um símbolo que se institui aos jovens, valores novos, um estilo de vida deslocado, uma cultura em ruptura, uma forma de contestação social. Os jovens dos anos de 1960 não querem mais parecer com seus pais, e fogem dos ditames da moda oficial, homem e mulher aproximam-se esteticamente



Mix de Imagens da década de 1960
Fonte: <http://sessentaeito.blogspot.com/>

(HARDAGH, 2010). Todas as rebeldias dos anos de 1960 culminaram em 1968. O movimento estudantil explodiu e tomou conta das ruas em diversas partes do mundo e contestava a sociedade, seus sistemas de ensino e a cultura em diversos aspectos, como a sexualidade, os costumes, a moral e a estética.

Neste contexto aparece o sistema moda aberta, fragmentada, complexa, líquida, e a Alta Costura não consegue acompanhar esses movimentos. As pessoas agora possuem uma aparência própria, possuem autonomia, se vestem com muitas cores, formas, volumes. Os ídolos, as mídias e as artes influenciam nas escolhas, não existe mais o ideal estético, mas a estética das tribos, das cidades, do movimento e das mídias (HARDAGH, 2010).

Sorcinelli (2008) aponta a busca pela a existência da própria identidade, não mais da universalidade da moda. A adoção da ultima moda em voga não oferece mais status fashion, mas o estilo e o *look* personalizado é que são prestigiados, considerados a ultima moda.

[...] dessa forma a moda descontextualizou-se, não tem mais objetivos nem desafios, “Só nos resta sermos nós mesmos”. E é assim que a moda, com sua história, revela, em seu interior, um percurso de conhecimento, uma conexão entre o que somos o que éramos e o que poderemos ser. Até porque quem somos e, em termos mais gerais, “o que o homem é somente a história pode dizê-lo” (SORCINELLI, 2008, apud GALASSO, 2000, p.13).

A individualidade na moda não permite mais o modelo piramidal em que os artigos de moda saem das classes superiores e progressivamente difundem-se nas classes inferiores. A moda se torna moda por existir uma perseguição pelo o novo, ama-se o novo por seu valor em si, por permitir exibir uma individualidade estética, moderna e mutável.

Lipovetsky (2004) comenta que o individualismo na moda é mais livre, mais opcional, mais combinatório, menos espetacular, mas mais diverso. A originalidade é menos espalhafatosa. A moda na contemporaneidade prestigia o significado da individualidade, é veloz e prestigia o agora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos a moda passa por transformações na história que alteram a estética da roupa. O fazer que no início é restrito aos homens, com o passar do tempo passa a ser um trabalho realizado por mulheres.

A alta-costura dita à moda ao longo do tempo com sua modelagem complexa. Geradora de riquezas, fonte de empregos são necessárias duas guerras e grandes transformações sociais para que, faça, a partir dos anos de 1950 a mais profunda transformação que a história das roupas conhece.

A confecção, que se dedica a produção em série, começa a deslanchar e acompanhar os desenvolvimentos da sociedade industrial, o *prêt-à-porter* conservando o *know-how* das modelagens ganha espaço e perpetua o bom fazer. O vestuário industrial de massa muda de estatuto, tornando-se definitivamente um produto da moda. Mais do que apenas uma mutação estética, o *prêt-à-porter* propiciou uma mutação simbólica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDOT, François . **Moda do século**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CATELLANI, Regina Maria; PEARSON, Lais Helena da Fonseca. **Moda ilustrada de A a Z**. Barueri: Manole, 2003.

HARDAGH, Cláudia Coelho. **História da Moda**: aula ministrada no curso de Pós Graduação MBA em Moda, mai/ 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

MONTEIRO, Queila Ferraz. O que é design de moda, origem e evolução. Parte 1. **Fashionbubbles**. Disponível em: <http://www.fashionbubbles.com/historia-da-moda/design-de-moda-evolucao-industria-moda/parte1> Acesso em: set. de 2011.

MONTEIRO. Queila Ferraz. Evolução da Indumentária e o Design de Moda. Parte 1. **Fhashionbubbles**. Disponível em: <http://www.fashionbubbles.com/2007/evolucao-da-modelagem-e-o-desig-partel/Breve_História_da_Moda>. Acesso em: jun. de 2008.

SORCINELLI, Paolo. (Org.). **Estudar Moda**: corpos, vestuários, estratégias. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2008.

MOUTINHO, Maria Rita. **A moda no século XX**. Rio de Janeiro: SENAC, 2000.

PINHEIRO Daniela. **34 Coisas da Moda**. Cópia + imitação = roupa nova. Bem pagos e badalados, alguns estilistas brasileiros plágiam roupas estrangeiras na maior. Revista **PIAÚÍ**, Ano I. Maringá, jun. 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Tomsom, 2004.

TREPTOW, Doris; DORIS TREPTOW. **Inventando moda**: planejamento de coleção. 3. ed. Brusque: Do Autor, 2005

Artigo corrigido por: Maryselma Isabel da Palma, Licenciada Plena em Letras pela Universidade Paranaense (UNIPAR) 2002; Pós Graduada em Assuntos Linguísticos e Literários (UNIPAR), 2005; Atua no Colégio Estadual Almirante Barroso Ensino Fundamental e Médio

